

QUESTÕES DE ENSINO

DE ONDE VIRÁ A REFORMA?

Conferencia realizada na noite de 9 de Junho de 1908.
no *Pedagogium* — Rio de Janeiro.

PELO PROFESSOR

Tiago Guimarães

Com verdade e pelos principios—
por bem da Pátria e da Humanidade.

2º Milheiro

Rio de Janeiro
TYP. CARVALHARES — OURIVES, 18.

1908

FR
372
59639

FR
372
G963q

QUESTÕES DE ENSINO

DE ONDE VIRÁ A REFORMA ?

Conferencia realizada na noite de 9 de Junho de 1908,
no *Pedagogium* — Rio de Janeiro,

PELO PROFESSOR

Tiago Guimarães

Com verdade e pelos principios—
por bem da Patria e da Humanidade.

2º Milheiro

Rio de Janeiro

TYP. CARVALHAES — OURIVES, 78

1909

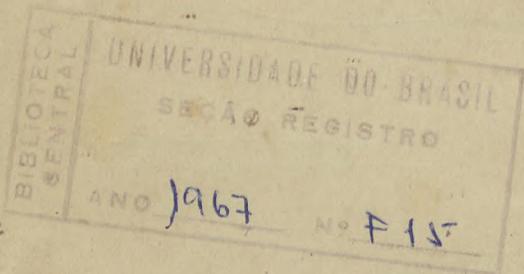
FR
372
G9639

372

Nº sist. : 867428
Cód. barras : 867428-10



BN - ϕ



13/06/1967

A Disfunção

E. Manoel Pereira
com Scipião

o Fing
De onde virá a reforma?
Rio 18-IV-07

o professor primário, humilde operário social que se honra em ser, pura e sómente, mestre-escola—as poucas linhas deste folheto e a muita admiração do seu autor.

De onde virá a refórma?

2.^a Conferencia pedagogica realizada na noite de 9 de
Junho de 1908, no Pedagogium,
pelo professor TIAGO GUIMARÃES

Excelentissimas senhoras.

Meus senhores.

Prezados colegas.

Por ocasião de minha ultima conferencia, aqui mesmo realizada, sobre « o ensino em S. Paulo », tive ensejo de constatar e agradecer a qualitativa concorrencia de ouvintes que me davam, então, a subida honra de estar presentes nesta sala.

Isso foi para mim tanto mais agradavel e animador, quanto, á mesma hora— é sabido— além dos mil e um divertimentos que as grandes metropoles como o Rio de Janeiro proporcionam a seus habitantes, realizava-se bem perto, no *Monroe-palace*, uma outra conferencia, muito mais atraente do que a minha pela téze que se oferecia, e com a nota altamente sugestiva de ser feita por Guilherme Ferrêro, o notavel historiador italiano.

Hoje, vejo que, si a qualidade dos meus ouvintes não decreceu, tambem não aumentou a sua quantidade,

formando, contudo, esse brilhante auditório que me enfrenta, atenção pressurozamente volvida para um tẽma que não é, positivamente, literario.

A vossa prezença, porém, já prova bem quanto as magnas questõis sociais, principalmente a do ensino público, vão atraindo e interessando o espirito de nossos patricios; e, neste cazo particular, é a mulher, sobretudo, que se faz interessada, porque, dada ou não ao majisterio profissional, a ella como projenitõra e primeira educadõra natural da infancia compete o mais arduo trabalho da puerolojia — a *paedology* dos americanos.

Felizmente, que a mulher brasileira vai isso comprehendendo, sem temer que se lhe diga, como o fez Molière pela bõca de Chrysale:

*«Il n'est pas bien honnête, et pour beaucoup de causes,
Qu'une femme étudie et sache tant de choses.»*

Não sois, é certo, tantos quantos e todos aquelles que eu dezejaria e tinha o direito de ver aqui. Poderieis, porém, ser ainda menos; por isso, aumenta de ponto a minha gratidão para convosco e o alto juizo que de vós eu faço, de vós que sois para mim, neste momento, o que no apologo de Lachambaudie é para a toutinêgra o sorrizo do rouxinol — o mais nobre dos estimulos, o mais forte dos incitamentos! Daí, o que me importa, pois, que enquanto aqui dentro se congrega para o trabalho e roteamento do ideal meia duzia, ou pouco mais, de... vizonarios — digamos assim — lá fóra os comodaticios, os pessimistas, os soldados do *laisser-aller* passem a sorrir? O que me importa que sejamos a minoria, si essa minoria fisica é talvez a maioria psiquica; si essa minoria de hoje será amanhã como o carneiro do Progresso, atraz do qual toda a mesnada de Panurgo fará caminho; si essa minoria póde vir a ser o corpo de sa-

cerdotes pontificando e comungando o novo crédo no tabernáculo da Fé?

Com as minorias não é que sempre estiveram a ciencia, o poder, a razão? Pequena é a célula e della saem todos os grandes organismos; pequena é a cabeça e ella é que domina o corpo; pequena é a corrente que galopa sobre o talweg dos rios em comparação com as massas dagua que lhe demoram nas marjens, e no entanto, aquella, transparente, cristalina e salubre, é que a estas arrasta — a estas, malsãs, estagnantes e barrentas!

Somos a minoria, mas minoria que delibera e resolve porque sabe pensar e sabẽ querer; os que não vieram constituem a maioria, mas de insensiveis que se contentam em ser executantes, a galeria que não ouza transpôr os humbrais do augusto recinto onde se trabalha — nem só pelo bem fisico, mas essencialmente como levitas do espirito!

Deliberemos, pois!

*
* *

O assunto de que vamos tratar é, bem o reconheço e confesso, árido si o cotejarmos com os que têm servido de tẽma para as conferencias ora em moda, aqui, produzidas pelas nossas sumidades literarias. Estou crente, porém, de que já terieis verificado isso antecipadamente, e que o só dezejo de servir á nobre cauza do ensino vos trouxe a ouvir-me, como trouxe a falar-vos aquelle que prazeirozo vos dirige a palavra.

Ninguem, portanto, reclamará, em saindo daqui, por me não ter ouvido versos brilhantes e sonóros, anedõtas ou contos dezopilantes. O nosso fim não é propriamente distrairmo-nos mutuamente, roubando-nos, á nós mesmos, uma hora de lazer para o sacrificio á Alegria; a nossa intenção é estudar determinado pro-

blema e buscar-lhe a solução; oxalá possamos encontrar-a através algumas rimas de Bilac, algumas sátiras de Molière, algumas tintas de Wateau. Como o encanto da roupagem não repele a verdade descritiva nem desdoura o conceito da critica, pois, muito ao contrario, ambas estas expressas com encanto são bem mais persuassivas— si se nos deparar ocasião, no decorrer desta palestra, de fazer commercio com as Muzas, de cruzar o nosso pensamento com o carro d'Apólo, será isso para nós como ouro sobre azul; mas não nos obsedarêmos com o que é apenas uma incidencia, para não nos esquecermos do essencial e que é, de fato, o alvo colimado de todos nós.

*
* *

Gentilissimas senhoras e meus senhores!

Fala-se prezentemente, com insistencia e em todas os solfas, de uma refórma a fazer-se no departamento do ensino municipal. Fala-se em refórma *do* ensino e fala-se de refórma *no* ensino, o que não é certamente a mesma couza, si bem discernem as escrituras da lingua.

Falam os da classe, dezejosos de saber o que se lhes prepara de surprêzās, porque no genero as tem havido sempre; falam os extranhos, os que estão eternamente na brécha, prontos e a espéra de toda e qualquer ensanchar de melhor se collocarem á meza do orgamento; uns falam dezanimados, como de uma tentativa gorada; outros, sem vislumbre de interesse, como si o fato lhes não dissesse respeito; terceiros, dourando de otimismo a pilula do boato.

E' a impressão policrôma e fujidía do que se não conhece, o dezenho multifórme do que se não sabe onde começa nem onde acaba; é a obra, enfim, da imaginação anônima, sem peias, sem limites, sem gâma, feita de colaboração e por antecipação traçada.

Ora, o que ha de rial nessas afirmaçõis vagas, tão vagas que mal traduzem uma necessidade latente e um reclâmo geral, eis o que nos propômos agora verificar tanto quanto nol-o permitam o tempo e a vossa paciencia, e, para me servir de uma expressão consagrada do enamorado cantor de Natercia, « si me ajudarem enjenho e arte!»

Que quer dizer refórma?

Si bem assertam os lexicos e não mente a minha memoria, quer dizer: *dar fôrma nova*. Dar fôrma nova importa, consoante a lojica, véra condenação á fôrma antiga, a que ella se vai sotopôr.

Suposto, pois, está que, quando uma refórma se leva a efeito, já a condenação se fez; mas de fato tal condenação só pôde produzir o fruto da refórma, vindo de quem tenha força para formular aquella e orientar esta; do contrario a condenação é anodína e quixotesco o que della for inspirado.

Vê-se, por aí, que a medida, por complexa, exige maturidade de idéas, unidade de vistas, uniformidade de execução. Toda vez que assim ella se não apresenta, não é refórma, não é nada que se lhe compare; será, por muito conceder-lhe... conversa inócua. Infelizmente, porém, são de tal natureza as que se anuncia quasi sempre e quasi sempre se tenta por em execução em nossa terra; fato que a critica ainda não comentou devidamente, mas que eu acredito ter orijem, de uma parte— em velhos habitos arraigados, de outra — na tolerancia sofredôra dos que a medida alcança.

Mas como não ser assim, si, quer no Brazil, quer em outra parte, a refórmanomania — que me conste — ainda não está capitulada como crime em qualquer código penal?!

O povo brasileiro é, já hoje, naturalmente, por

indole, um povo de reformadores ; não, reformadores de fato, mas fazedôres de reformas, armadôres de carangueijolas, pressurozos, sempre, de andar na baila, á cata do Novo como D. Quichote andava a imaginarios inimigos.

Falho, em via de regra, dos conhecimentos gerais que formam a baze de toda a cultura, quando algum de muitos seus membros é pelo arbitrio caprichozo elevado ao pináculo da governança, só por processos artificiais nelle se consegue manter, violando todas as leis do equilibrio. Um desses processos, o mais comum, e por isso mesmo já consagrado como instituição nacional, é-a refôrma. Novo administrador, refôrma certa, matemática ; e quando esta se não verifica, os comentarios são forçados no sentido, não da competencia do novo gerente, mas no de uma ignorancia que logo se lhe atribúi. Os descontentes de todos os matizes, justa ou injustamente afastados no decorrer da administração finita, os pretendentes não satisfeitos, os incompreendidos, os arrivistas cáem-lhe em torno como o milhafre sobre a prêza. Si toda essa coôrte de interesses e ideais heterojeneos consegûe conjugar-se com os do administrador, a refôrma está decretada.

São, porém, refôrmas *in nomine*, reformas *in littera*, refôrmas que vizam apenas os interesses ocasionais dos que as propugnam, com franco prejuizo das instituições sobre as quais ellas cáem, muitas vezes como verdadeiras mortalhas.

E por isso, além de contraditórias em muitos pontos, porque ao elaboral-as foi preciso atender a uma grande sôma de interesses antitéticos, ellas são vazadas em principios tão difuzos que logo se lhe notam as aberturas das malhas !

Verificando-se depois, na pratica, a sua inexequibilidade, começam, então, a aparecer os remendos, ainda

não ao sabor das necessidades da instituição mas ao das conveniencias dos que vieram atrazados !

Daí, no fim de alguns anos, cada legislação é uma colxa de retalhos, golpeada aqui, serzida acolá, e a respetiva instituição um monstrengo horripilante, completamente deformado.

Particularizemos, porém, ja que o nosso interesse aqui circunscreve-se ao departamento do ensino. Pois bem : a nem um outro se pôde aplicar mais justamente o cautério da critica.

E' verdade que as *soi-disantes* refôrmas sobre ensino periclitam por toda parte com tal espirito epidemico, que o mal está perfeitamente definido na seguinte fraze de Dugard : *l'instruction est un malade que se retourne dans sa couche sans y trouver de soulagement*. Mas, no Brazil, tantas reformas, tantas, se têm oferecido e tentado sobre a materia, contendo tal diversidade de principios, de doutrinas e de métodos, que a molestia para ficar perfeitamente diagnosticada entre nós deveria chamar-se o mal de São Guido.

E de justiça é não se me attribuir a descoberta : Ramalho Ortigão, o admiravel esgrimista das *Fárpas*, ha muito mandou-nos uma a respeito, e são de outro notavel publicista estas palavras : " no Brazil as constantes mudanças de programas e regulamentos de ensino são em tal numero e sucedem-se com tal rapidez, que, si isso denunciasses o progresso de um pôvo, o brasileiro seria o mais adiantado do mundo".

Soberba de ironia, mas punjente verdade !

Não se vê aqui " *ce qu'il y a d'illusoire dans la pensèe de ceux qui, après tant de reformes vaines, gardent encore la superstition de l'organisation et se flattent de rajeunir l'enseignement par des changements de programmes et de nouveaux décrets.*"

Si, pois, refórma de ensino ja é fraze|mais comum do que o mais comum dos substantivos, onde quer que se a pronuncie, hoje ainda mais sedição se tornou nesta heroica cidade e neste momento, em que as tubas alviçareiras a assoalham com todos os caracteristicos de um bom prenuncio.

Bom prenuncio porque, posta a questão em tal terreno, verificamos que é natural, duplamente natural anunciar-se, proclamar-se uma reforma no departamento do ensino municipal, sinão envolvendo as mesmas esperanças com que se predisse um dia a vinda do Messias, ou com a mesma doentia curiosidade com que as formozas filhas do Epiro, abandonadas dos seus aos caprichos da guerra e aos azares da peste, buscavam cada dia as praias do Egeu, sobre que julgavam de instante para instante vêr pontear as vélas da prometida fróta de Dário— ao menos com o fatalismo imposto pela lojica dos habitos.

Duplamente natural porque, de uma parte, os augurios vêm da administração passada, que a prometeu e buscou realizar sem successo; de outra parte, porque nova administração se iniciã, e, como vimos, entre nós, cada novo administrador— com raras exceções — humano que é tem sempre vista diferente sobre a mesma arésta, qualquer que seja o departamento onde a sua atividade se vá exercer.

Resta-nos, porém, saber que reforma será essa em torno da qual a opinião se ajita e se debate; si será necessaria, si possivel, e a que moldes obedecerá; finalmente, si o atual dirigente do ensino pretende obtel-a e, neste cazo, *de onde virá?*

Uma afirmativa, creio que qualquer de nós tomaria aqui a responsabilidade de fazer, sem de nem um modo cortar o fio das nossas deduçõis: e é que ha necessidade palpavel, evidente de uma refórma, não do

ensino municipal, mas *no* ensino nacional— refórma *in partibus* e *in totum*, tais as faces porque a encaremos.

A primeira, a unica que elles podem e devem fazer com resultado, depende dos dirigentes; a segunda, essencial e complexa, depende de varios fatôres: especialmente do tempo, para rejeneração dos costumes, e do professorado, para remodelação da escola.

Total nem um dirigente pôde ou deve tentar fazer uma refórma em qualquer que seja o ramo do serviço publico organizado. Tal pratica seria a revolução — quer dizer, a anormalidade com todo o seu cortejo de entraves, de choques oriundos das paixõis e dos instintos; seriam os interesses feridos, as ambições em surto, o direito sem fiel, a verdade medida pela bitóla pessoal.

E particularmente no cazo do ensino publico, sabemos bem qual a sôma de maleficios em que importa uma refórma que se pretende completa, de *fond-en-comble*, pois os exemplos formigam aí. E' o ensino a instituição que mais sofre quando se lhe pretende imprimir a melhora *par l'effacement et par le recommencement*, em lugar de se a executar pela evolução, que é a fórma natural da vida.

Produz-se tão forte perturbação que todos os órgãos e membros do grande corpo entram em franco estado diatéxico.

E afinal o beneficio a colher é duvidôzo e inatinjido; o que emerge, o que se verifica como resultado somatico é o reziduo anárquico sempre pronto, como a Salamandra sob a cinzas, a explodir em algum cérebro e a perturbar em sua marcha regular a instituição, logo que as condições ambientes se lhe afeiçoem.

Não!

Em nem um departamento institucional uma refórma completa, radical, em todo o rigor do termo, é

possível á força de decretos; póde-se reformar a lei, rebuscar sob fórmulas literarias e roupagens de estilo a legislação, os moldes regulamentares, mas os executantes ficam sendo os mesmos— velhos cachimbeiros que se não habituarão jamais, ou com facilidade ao menos, aos novos instrumentos, porque já afizeram a bôca aos aleijões antigos. E não vai nesta minha asserção nem um dezar para aquelles a quem ella atinje, porque as faculdades perceptivas do homem, vós que viestes de um curso de psychologia o sabeis, não são assim nem uma massa maleavel em todas as idades, sempre pronta a receber quaisquer impressões que se lhe queira dar. Com os anos fórma-se a crôsta conservadora das idéas, o fundo de rezistencia á mobilidade da vida espirital. As marchas e contra-marchas das legislações deviam corresponder ás do espirito dos que as vão executar, o que não acontece absolutamente: estes são sempre apanhados de surpresa e obrigados a praticar aquillo que a sua experiencia muitas vezes repêe.

Por isso, disse Gustavo Le Bon na sua *Psychologie de l'éducation*: « *Les réformes en bloc sont absolument sans valeur, et alors même qu'un tyran les imposerait par la force, elles ne pourraient durer, car, pour qu'elles pussent se maintenir, il faudrait réformer en même temps l'âme des professeurs, celle des parents et celle des élèves* ».

« *Il faut laisser de côté tous ces pompeux projets de réforme radicale et ne les considérer que comme une inutile phraseologie. Pour l'éducation, tout comme d'ailleurs pour les institutions, les seules réformes possibles et efficaces sont les petites réformes de détail, faites d'une façon successive et continue. Elles constituent les grains de sable dont l'addition finit, à la longue, par former des montagnes* ».

« *Et même les petites réformes successives ne sont*

possibles qu'à la condition d'être en rapport avec les nécessités du moment et les exigences de l'opinion ».

Pois bem! Creio poder dizer-vos, meus senhores, que nesta mesma ordem de principios laboraram aquelles que ora superintendem— quer o ensino afêto á alçada federal, quer o de competencia municipal. Ambos, moços cheios de fé, como eu, fé no fruto bendito do trabalho, fé nas inspirações da sã razão, elles não podem pensar em, por alguns momentos de falsa vaidade satisfeita, sacrificar largos e trabalhosos dias da instituição que dirijem e que se pode comparar a uma grande fabrica concientemente gerida.

Nesta, de ano para ano, paulatinamente e á proporção que a industria progride substitue-se os maquinismos; mas substitue-se-os á medida que uns se estragam e que outros se condenam pela sua impraticabilidade. Si de momento se pretendesse reformar toda a fabrica, seria uma *débacle*, um horror. De um lado, o pão que faltaria aos operarios e o prejuizo dos associados que não veriam o seu capital render; de outro, a impossibilidade do immediato funcionamento dos novos aparelhos, para cujo manuzamento seria necessario novo aprendizado dos operarios, dos quais nem todos se afeiçoariam mais ao novo tirocinio.

No ensino, fabrica do pensamento, é com maior gravâme a mesma couza.

Por isso, eu vos digo que a refôrma dependente da administração, si se realizar— e eu espero que assim sucêda — irá apenas incidir sobre aquillo que pela pratica se verificou excrecente, pela experiencia se prevou impraticavel; mas pratica e experiencia de fato aurída no regular exercicio e funcionamento do que se pretende substituir ou eliminar. Nem uma surpresa, sem indiscrição vol-o afirmo, se prepara que vos possa roubar horas de sôno ou perturbar o apetite; a ma-

quina administrativa vai só eliminar os detritos que o funcionamento de anos acumulou a seu lado, substituir peças já hoje imprestáveis ou verificadas inúteis.

A refórma dependente dos poderes federais raro será quem não conheça ainda, pois são do dominio publico os traços principais dentro de que a enquadrou o seu illustre propugnador. Relativamente á refórma dependente dos poderes municipais, aquella que mais nos interessa agora, sinto que me não cabe vir dar-vos aqui, em primeira mão, a substancia siquer do que ella vai ser; além de que, o momento exige natural discricção, porquanto, pendendo da alçada legislativa voto sobre o assunto, ainda esse poder não se pronunciou.

Assevéro, contudo, sem que minhas palavras envolvam elogio a quem quer que seja, porque apenas exprimem uma aspiração, que a medicação e as prescriçõis aconselhadas por quem está á cabeceira do doente consultam perfeitamente o estado patolójico deste.

O dezejo, porém, de não arcar sozinho com as responsabilidades do tratamento levaram o assistente a convocar uma conferencia de doutos, e eu espero do novo Areopago a sentença que os Hipocrates da Pedagogia vão proferir. No cazo, a maioria dos deliberantes é constituída por verdadeiros Hipocrates, e, pois, delles não póde haver apelação: si o doente morrer, será da cura!

Mas, si nada mais vos posso adiantar quanto ás medidas que se vão tomar por essa face, posso— sem pretender de modo algum interferir nas concluzõis dos Notaveis— fazer o meu depoimento e dar o meu juizo tambem sobre essa parte da *res publica* que tanto carinho me merece, a mim que lhe tenho dado o melhor do meu entusiasmo e de minhas enerjias; e o posso fazer com tanto maior imparcialidade quanto, reconhecendo

embora a necessidade de ser revista, consolidada, emendada mesmo em certos pontos, a actual legislação do ensino municipal, pouco espero e confio dessa medida. Fruto izolado da administração, ella se reproduzirá amanhã e depois, tantas vezes quantos novos administradores se sucedam, porque cada qual quererá afeiçoar a lei á sua tarefa.

Para não parecer, porém, impertinente aos olhos dos que nos outros não veem sinão más intençõis, além de que o tempo de hoje foi destinado a outra ordem de consideraçõis, guardo-me para uma das minhas proximas conferencias, á respeito.

Por hoje, não é á administração, nem della que eu falo, mas ao professorado, porque é dellesómente que eu espero todo o bem do ensino; é delle que, vol-o afirmo, deem as providencias que quizerem, façam e afeiçoem as leis que lhes pareçam— a refórma virá, só delle!

*
* *

Meus senhores!

Constatada assim a necessidade da refórma, a sua possibilidade e talvez breve successo na parte que se me afigura tão relativa e tão pobre, pertinente a administração, encaremos a questão pela sua outra face, a mais importante, a de que em realidade dependem os resultados nem só do que de bom prescrevam os regulamentos mas, e especialmente, de toda a engrenagem educativa.

Eu disse ainda ha pouco que a par da reforma *parcial*, referente á legislação do ensino, impunha-se a *total*, dependente de fatôres complexos, quais sejam, dentre outros— o tempo, para rejeneração dos costumes— e o professorado, para re-modelação da escola. A grande refórma é, pois, nos costumes e na escola que se produzirá, sendo que a *na escola* implica e importa a *nos costu-*

mes, porque a escola está na ordem social como a unidade na mathematica: qualquer que seja o ponto onde a esta encaremos, áquella havemos de remontar.

Quanto ao tempo, fatôr importante de que dependemos tambem, si é certo que não podemos invertel-o, refreal-o, dominar-lhe as funções, enquadradas pela inteliencia humana apenas nos movimentos izóchronos dos reguladores mecânicos, podemos, toda via, aproveitá-lo: é esse o unico meio de o vencer!

E visto que ao professorado só lhe basta querer e saber— e nem por sombra me ocorre suspeitar que o contrario lhe succeda, quando eu o vejo em grande parte interessado, correndo pressurôzo a toda parte onde alguma couza de novo se lhe promete e anuncia ao espirito indagador— eu mesmo me interrogo:

— Que falta, pois?!

Que falta, si o tempo nos abre os seus amplos horizontes e si vós outros, meus esforçados colegas, estais intellectualmente armados de ponto em branco, como o padre Bernardes, e de animo rezoluto ao trabalho e á vitória?

Falta o que faltaria a-uma planta que nacida para o ar e para a luz estivesse fechada em uma estufa; falta o que faltaria ao náuta que aprendendo a se guiar pela bússola, só tivesse em alto mar, para norte, a estrela polar velada pela tempestade; falta o sôpro vivificante, aquelle áusto especiozo de que nos fala o poeta ante a imajem da Beatriz e que Pigmalião pedia para sua Galatéa; falta, enfim, a força invizível que põi em função as correntes magneticas geradas pelos orgãos da vontade,—tudo isso porque vivemos maniatados por um formalismo esterilizante, pezado, sufocante como o calôr de cem mil fornalhas! A nossa êngrenajem social anda apenas sob o impulso artificial de uma herança de raça, e por esse motivo é que, como si interiormente já a esti-

vesse roendo a ferrujem da escleroze, de momento a momento sente-se-lhe como que uns ranjidos, sintômas de mal contida dispnéa.

Será a alma da raça que vai morrer como a prójene no seio que a gerou, só porque lhe falta um operador ouzado?

Não, não creio, não posso crê-lo!

Na apagada e vil tristeza em que vivemos, qualquer raio de luz que se não extinga logo é sempre uma consolação e uma esperança!

E' por isso que eu fórrô minh'alma com a esperança de que a maldita sentença do breve deperecimento dos povos oriundos das raças latinas é inverificavel. Transplantados os seus rebentos para um ambiente mais propicio, o constante transvazamento de sangue e de idéas novas que elles sofrem é elemento segurissimo, sinão de rejuvenecimento, ao menos de perduração.

Não! Não é a alma da raça que vai morrer: é a propria alma americana que esmaga com a inconciencia da sua virilidade em plena florecencia a rotina, sua irmã de leite, rebento exotico que mal se aclimou nestas plagas!

Si a experiencia é de fato segura mestra, ella já nos mostrou que a alma que nos veiu em herança ha muito abriu falencia e deu logar a outra sequioza de novos ideais.

E' por isso o nosso mal estar; porque conservamos as mesmas fórmulas exteriores de antanho quando a alma que vibra dentro de nós e aquece este continente olha para outros horizontes!

As fórmulas! a rotina! a tradição!—*voilà l'ennemi*, disse o saudozo Francisco de Castro.

Apezar de lhes havermos nacido ao lado, de as

veremos desde o berço não as amamos, não lhes temos apêgo nem as compreendemos com o mesmo entusiasmo dos nossos avoengos. Praticamol-as por habito, por mal entendido respeito, por temôr de escandalo.

São essas fórmulas, essas antigualhas, que as nossas especiais condições de vida repelem, e cujo *canto de cysne* Ferrêro inda ha pouco veiu entoar entre nós com todo o ardôr, bem inutil, de sua inspirada alma italiana, o que precisamos substituir tambem, e, por natural, começando na escola.

A' propozito, disse Le Bon, esboçando o triste sorriso de quem, vencido, não encontra remedio para o mal, mas condenando-o: « *ces elements sont les produits de l'âme de la race, et pour les changer il faudrait changer d'abord cette âme.* »

Ora, si a nossa alma já é vizivelmente outra, si já conseguimos sair do tétrico cazúlo a que nada mais nos prende, porque não abrimos de uma vez as azas, librandonos do ninho dêmaziado estreito para nosso abrigo?

Não, meus senhores! Não julgueis que eu repilo e condeno *in-extremis* a civilização latina por me atirar de braços abertos e discricionariamente ao cólo de outra, a anglo-saxonia por exemplo.

Por muito nos acompanhará a influencia daquella, e nem o correr dos anos já nos leva tão lonje de onde surjimos, que possamos afirmar ter-se coado em definitiva para o nosso caráter as virtudes desta.

A verdade, porém, que todos nós veremos desde que nos demos apenas o trabalho de lançar a retina da razão para esse lado, é que estamos nas melhores condições mezolojicas para receber as virtudes de ambas as civilizações e repelir-lhes os defeitos. Podemos conjugar as qualidades de caráter de uma ás de espirito de outra,

Sim, porque esta é — eu o creio ou sonho — a terra dourada da Promissão, de que disse o encantador Olavo Bilac, falando ao descobridor ousado:

Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em caricias se muda a inclemencia das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amôr e da Fatura!

Treme-te a voz afeita ás blasfemias e as pragas,
O' nauta! E olha-a, de pé, virjem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formozura,
— Os dois seios que, arfando em dezejões, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe á péle doirada
O barulho do ninho, o perfume da roza,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! — E' a mais bela flor da natureza inteira!
E farta-te de amor nessa carne cheiroza,
O' desvirginador da Terra Brasileira!

*
* *

Minhas senhoras e meus senhores—recapitulemos!
Nesta vasta seára em que entrámos a veiga é tão bravía e tão crecida que, mais de uma vez, é possivel ter-me eu perdido por algum trilho, esquecido do verdadeiro caminho a que me devia cinjir.

Já vimos que se procura remodelar, sem a alterar na essencia, a atual lejislação do ensino municipal—remodelação essa ditada apenas pelas injunções da experiencia. Vimos, tambem, que uma outra refôrma se impôi — esta, completa e radical, nos nossos costumes, e dependente do professorado e do tempo.

O tempo e o professorado nós os temos; e, pois, para ir ao resultado só nos resta começar a agir. Mas, começar por onde?

Pela escola!

Pela escola, porque é della que nos ha de vir aquelle sôpro tonificante como uma corrente de vida, poderôzo como o látigo do *Simoun* para varrer do organismo nacional essa lépra da rotina, essa carcassa da tradição que inda nos peza aos hombros como uma canga e nos trava os passos como uma cadeia. Começar pela escola porque só e excluzivamente por ella e por influencia da vossa bôa inspiração, meus estimados colegas, é que a refôrma virá,— a refôrma das refôrmas, a refôrma traduzida nos habitos, corporificada nos fatos, poisque, bem diz o aforismo latino, si: *littera occidit, spiritus autem vivificat*.

Como, porém, servir-nos da escola, si essa instituição inda não existe no Brazil? Criando-a, embora atravez todas as asperezas e dificuldades que tal empreza nos apresenta!

Já estou vendo introspectivamente, ás minhas ultimas palavras, a Rotina abrir desmezuradamente os olhos como si eu disséra alguma sandice! Felizmente que, mais, não lhe têm os arreganhos, pois que já a venci dentro de mim mesmo entre a Caribdes da experiencia e a Scila da observação.

— Mas, então, não temos nós ainda regularmente funcionando a escola? — lembrar-vos-a, mesmo a algum de vós, de cujo bom senso não posso duvidar, perguntar-me.

Não, não a temos, nem aqui no coração do Brazil, nem em qualquer outra parte do paiz inteiro; mal começa a germinar nos vizinhos estados de São Paulo e Minas, terra glorioza dos Bandeirantes e dos Garimpei-

ros. No resto do Brazil, vivemos confundindo uma repartição official inçada de todos os defeitos do burocracismo, onde ha pontos e suétos, muitos serventuarios e poucas convicções — com a escola, monéra social de que irradiam hoje todas as instituições humanas.

Não, meus senhores!

O que ha aí a encher os nossos olhos é, ainda e sempre, o formalismo mezureiro, que nos cerca, que nos toma os passos como um dourado aventêsma. A escola não são esses bonitos e custozos edificios que se estão espalhando nesta capital mais por engalanar-nos a vista e nos saciar as vaidades, herdadas dos donos de engenhos e dos senhores de escravos, do que para preencher o fim util e nobre do ensino, porque desses edificios — eu o provarei — nem um só corresponde quer aos preceitos da pedagogia racional quer aos da hygiene moderna. São frutos e sementes do luxo e do desperdicio. A escola não é ainda o nosso professorado com todo o seu saber, porque sabe demais para o *métier*, e tudo que é de mais é nocivo, pois irregulariza as funções.

Quereis uma prova? Vêde como se disputam as rejencias de turmas e os lugares de substitutas na Escola Normal! E' uma tendencia geral que se manifesta nas nossas normalistas para o ensino secundario com franco desdem pelo ensino primario, que este até parece ignobil. Ora, ensinar crianças! — já ouvi a algumas dizer, como si ensinar crianças na sua verdadeira acepção, isto é, formar-lhes o caráter, orientar-lhes a intelijencia, conduzil-as, governal-as pelo espirito não fosse a mais nobre, a mais meritoria e a mais santa de todas as tarefas e, ao mesmo tempo, a mais elevada de todas as honras! O que é isso ainda sinão o formalismo que entrou na nossa Escola Normal, sobrecarregando-lhe por tal fórmula os programas de materia decorativa e doentia que se oblitera no aluno o fim a que elle se

destina, despertando-lhe inclinação diversa, aquém de cujo bom desempenho, aliás, elle fica, gozando todavia das honras deste e daquelle, ao qual mente, mentindo a ambos? E a tal ponto chegou naquella caza, em algumas cadeiras, a preocupação da ciencia por programas, que em uma diciplina póde-se verificar esta disparidade termométrica: de 31 pontos em que estava dividida para 906 acendeu em 907 a 74, decendo no corrente periodo letivo a 30, apenas! E' este formalismo o que fez um observador inglez dizer, apóz haver estudado o organismo educativo em França: « encontrei ali muitos homens instruidos— poucos, muito poucos professores e educadores ». E' ainda o que fez dizer um nosso patricio, que de volta dos Estados Unidos foi aqui apresentado por mim a uma alta autoridade no departamento da instrução: « mas, não é um professor, meu amigo, é uma estante! » E' o que fez Dugard escrever: « *très souvent encore, ils sacrifient ses aptitudes pédagogiques à la haute culture intellectuelle.* »

Não! A escola não é tambem esse material com que aí se vai cobrindo as paredes das aulas e junjindo os corredores dos estabelecimentos, e grande parte do qual só tem por função acumular pó, porque— digamol-o sem rebuços— nem uma utilidade rial se lhe póde attribuir ou se lhe conhece, visto como foi adquirido apenas pelos catalogos das fabricas. . .

A escola não é ainda a multidão de crianças que um mal entendido respeito a principios democraticos faz que se aceite em numero ilimitado, sem espaço, sem carteiras, sem livros, sem professores para se lhes dar, acumulando-as umas sobre outras com prejuizo da diciplina, da moral, do ensino e da hijiene. Não! Tudo isso é ainda o formalismo latino, o rastaquerismo francez, a *sesquipedalia verba* de que nos fala Homero! Não! A escola é o inverso e o contrario de tudo isso.

São todas essas cousas, mas conjugadas num só corpo de que cada uma é ancila apenas.

E' o edificio, amplo, arejado, inundado da luz solar como da luz das idéas, tendo salas com o espaço res-tritamente suficiente para o numero maximo de crianças que um professor póde ensinar, — ensinar e, não, vijiar—, edificio cercado de vejetação, afastado do bullicio e contacto das ruas, possuindo onde, além de aurir o ensino moral e intelectual, a criança possa treinar o corpo, dezenvolver as suas aptidõis físicas, recrear-se, enfim. E' o professor, — não vaidozo de sua alta cultura, capaz de todos os surtos— mas orgulhozo de sua alta missão, capaz de todos os sacrificios; possuindo menos ciencia e mais devotamente, cõncio de que exerce um nobre sacerdocio e, não, uma simples profissão de que lhe advirá o pão para o estômago e a calma para o sôno.

Meus senhores!

Vivemos, é certo, num tempo de utilitarismo radical: mas ha uma especie de instinto superior de conservação que não se limita precisamente só ao que de nós reclama a conservação da vida física, mas tambem se estende e pode abraçar as necessidades ideais.

E' esse o formozo individualismo que achou sua expressão carateristica na moral de Platão e de Aristoteles, e que podemos adotar já que o altruismo é tambem apenas, e infelizmente, outra fórmula que todos os sentimentos humanos repelem.

A escola é ainda, em vez desse rico material escolar em parte mal empregado, em parte inservivel, em parte dispensavel que está aí, uma aluvião de pequenos instrumentos para o aprendizado do trabalho manual, e de bons livros— mas livros escolhidos com o intuito de auxiliar o ensino e, não, de enriquecer livreiros e autôres.



A escola é tudo isso e mais a disciplina, e mais os métodos, que só podem fructificar quando o professor trabalha por gosto e com prazer, para o que muito concorre a sôma de esforço que se lhe impõe. Ora, nem um professor primario, nem um pôde ensinar convenientemente a fio, durante um ano letivo, a mais de trinta crianças — e aqui se lhe dá de 50 a 86 — já vi, já contei!

Em uma escola até, por exceção talvez, encontrei 132 crianças de todas as classes do curso primario, estando a leccional-as, havia 18 dias, sómente a cate-drática.

Pergunto: seria uma escola de fato, essa, onde só o apêgo ao lugar exigia de uma pobre senhora tal sôma de sacrificios? Não, porque nem a disciplina ella só poderia manter ali, obrigada a correr de sala para sala — uns cubiculos mal apercebidos de ar, de luz, de qual-quer conforto fisico, higienico e pedagogico.

Dir-me-eis: mas a vossa argumentação é contra-producente, porque tudo isso depende da administração, não de outrem, e si é só o que tendes a dizer, endereçai-vos aos dirijentes do ensino.

Não, meus senhores, vos respondo! E' um engano e um máu vézo antigo attribuir-se á administração toda a culpa de males que só cabem a outros e em fonte diversa têm orijem.

Para que todas as imperfeições, poucas que eu aponte e muitas que hei de apontar, desapareçam, e de fato a escola surja entre nós, precipuamente, na altura de corresponder ás grandes necessidades da vida moderna, é preciso que o espirito de vós outros, meus estimados colegas, se desperte, se congregue como um só corpo, defina seus ideais, delimite as suas fronteiras e sobre estas plante o estandarte de sua cauza, que é a causa da sociedade e da patria. « A alma da

educação é o professor, e é por elle que se deve ajir si se quer creal-a ou renova-la », disse notavel educador.

Nesse dia, os vendilhõis, corridos de vergonha, abandonarão o templo, e as administrações pedir-vos-ão conselhos em lugar de vos ditar ordens. Nesse dia, em vez da semi-fluidez em que se labora atualmente a nossa nacionalidade, estará assentada definitivamente a baze angular sobre que se edificará a futura raça desta formosa rejião. Desse dia por diante podereis dizer, parodiando Luiz XIV: *a patria, somos nós!*

* * *

Meus senhores e, especialmente, minhas senhoras! Não foi o simples amor ao palavreado inutil, que eu mesmo venho condenando, o que me repõe na cadeia de conferencista e me trouxe a este lugar, tomando-vos um tempo que si não fôra precioso — que todo elle o é — não a mim cabia ou competia desperdiçar. Foram a dôce esperança de ser util a esta donoza patria de que nos orgulhamos ser filhos, e o fagueiro dezejo de servir a um ideal alevantado que me atiraram nos braços do majisterio; e, por amor a elle, por me consorciar convosco que terçais, talvez, as mesmas iluzõis — quem o sabe? — é que aqui estou, escudado nas admiraveis palavras de Brentâno:

« O pesquisador não tem sinão um fim: o conhecimento da realidade. Nem um santuario lhe pôde ser mais sagrado do que o da Verdade. E' preciso que o pesquisador nelle penétre inteiramente, não devendo recuar diante de nem um exame, diante de nem uma análise, por mais que lhe possa doer ao coração o que lhe é preciso estudar, e ainda que o respeito, o amor, o sentimento da lealdade, a relijião se venham meter de per-meio á sua tarefa. E, não só: elle deve, ainda, declarar os resultados do exame, sem subterfujios, sem cuidar

nas suas vantajens ou no seu despreço, sem buscar o elogio, sem temer os vitupérios ».

Só por isso, minhas senhoras e senhores, me perdoareis si nem sempre eu guardar nesta palestra a linha da mais estrita gentileza, do mais requintado trato, que eu quizéra esperdiçar ás man-cheias, porque, não a mim, que a todos prézo, mas aos fatos, que pedem critica, cabe toda, toda a culpa e todas as asperezas da minha linguaagem.

Ao elemento feminino, sobretudo, que com tanta galhardia e tão nobre entusiasmo correu a ouvir-me, trazendo a esta sala o perfume da sua graça e o encanto do seu espirito, ao elemento feminino, naturalmente mais sucetivel, eu ora me dirijo solicitando-lhe antécipada e creio que merecida excuza.

*
* *

Obrigado a fazer a longa serie de demonstraõis que sob os vossos olhos venho rapidamente passando como uma fita de cinematógrafo, busquei apenas dizer a verdade sem ambajes, preparando caminho para os fatos, os verdadeiros argumentos com que se póde documentar uma acuzação ou respigar uma doutrina. E' possivel que, enquanto isso, algum de vós que me ouvís, quando falei no formalismo em que mal nos ajambâmos, sorrisse para si e dissesse para o vizinho: e elle?

Uma conferencia, entanto, é isso mesmo, em que ha uma parte ilustrada que agrada a todos e todos veem, sinão com interesse, ao menos sem cansaço, e outra parte, parte doutrinaria, demonstrativa, que interessa relativamente e só a alguns.

Ora, meus senhores, eu não vos posso dar hoje toda a parte ilustrada, cheia de peripecias interessantes e incidentes comicos, que passei para meu album de im-

pressõis e que eu guardo para encher a minha proxima conferencia; por mostrar-vos, em todo cazo, minha boa vontade dar-vos-ei dois quadros apenas, tomados ao acazo.

Penetremos, primeiro, em uma escola de arrabalde. Conto 307 crianças, apinhadas nas salas estreitas, apertando-se sobre os bancos ás trez e ás quatro!

Que borborinho! Ha falta de diciplina, mas ha vida! Os rizos cascatêam, mal se apagando aos *shius* das professoras. Os alunos começam a entrar antes da hora, mas ás 10 ainda estão chegando; algumas adjuntas chegam tambem, deceremoniozamente, atrasadas. Nóto que as crianças vão direito ás carteiras, pizando alto, dando adeus á direita e á esquerda, com a mão, despertando o resto da classe do trabalho já iniciado.

Conto: sessenta e trez na primeira classe eimen-
tar; a adjunta diz-me que não póde com tanto trabalho; muitas crianças ficam diariamente sem liçõis, principalmente de leitura, porque esta é quazi toda ainda individual. Passo ás outras salas. As crianças fazem contas aqui, escrevem ali, sentadas á vontade umas, outras em pé; aquellas limpando as louzas com saliva e pontas de dedos, estas garatujando o almasso ordinario á guiza de escrita. O papel é tão ruim que as crianças, que escrevem com todas as imperfeições de quem começa e não tem quem guie, o furam com os bicos das penas só ao calcarem um pouco as mãos inseguras. Passando por uma sala, desperta-me a atençaõ a enorme cabeleira de uma aluna; é um coque emoldurado de pastinhas, prezo por pentes dourados; chamo-a e ella vem presuroza, córada, vendo-lhe eu então que veste saia curta! Tem 13 anos apenas mas já está apertada num *devant droit* e piza sobre saltos Luiz XV!

Faço-lhe algumas perguntas, cujas respostas, por

me satisfazerem, lhe valem um elojo; a menina agradece-me com tal amaneirado trejeito que prezumo estar não em uma escola, mas em um club recreativo! E' a primeira da classe, tem o nome no quadro de honra, mas os dedos cobertos de aneis estão sujos de tinta, e os dentes— vê-se por entre o seu sorrizo vermelho— não conhecem escova!

A diretôra, solícita, vem a mim neste momento e leva-me á sua classe. E' dedicada e veste-se com simplicidade e decencia, embora eu lhe note, caindo do pesçoço, uma grande cadeia de ouro prendendo uma lapizeira do mesmo metal.

Como não tem pessoal bastante, diz-me, também leciôna á turma complementar, de 8 alunas. Verifico o preparo superficial e decorativo destas meninas; uma recita-me tamanha ladainha sobre o ouvido e suas funções que me parece estar ouvindo uma preleção academica, e entanto não sabe responder-me quando lhe pergunto como se produz o éco!

A professôra sái para dar uma providencia, e eu me aproveito disso para conversar á vontade com as crianças— crianças, digo mal, moças é que são, pelo menos nas apparencias e nos desejos. Têm todas intenção de *passar* no exame final desse ano e ir para a Escola Normal; uma nos aviza que si não *passar* na primeira época *passará* na segunda, porque tomará para seu explicador tal professor « que é um pistolão e tanto! » Enquanto fala, esta aluna deixa ver uma aliança no anelar da mão esquerda: pergunto-lhe si o anel é elétrico: ella diz que não, ri, mas não córa, enquanto as colegas vão mui sorrateiramente sonogando as próprias mãos para baixo das mezas. Abro um dos muitos livros esparsos sobre as carteiras: é um compendio de literatura de Mello Moraes, filho; está escrito em quasi todas as pajinas com pensamentos, nomes masculinos,

embora tenha o carimbo da escola e na classe não se veja nem um marmanjo. . .

A' hora do recreio, ao tocar-se a campainha, as crianças largam tudo, onde estão, e saem em tropel, doudamente, empurrando-se umas, outras abraçadas. Chego a uma janella. Vejo que saem algumas para a rua e que outras vão para a grade, atraídas pelo ruido dos veículos, talvez, e onde já ha garotos curiozamente agarrados. A maior parte dezembrulha a sua merenda e atira aqui e ali o papel e os sobejos. Os brinquedos fazem-se á vontade, entre crianças de diversas idades, ao sol ou sob a sombra das arvores; ninguem toma tento ao recreio. De repente aparecem duas crianças machucadas; a professôra corre, ralha, dá-lhes agua a beber e. . . só. Durante as lições nesta escola, não vejo o emprego de uma carta parietal, de um globo, de um mapa, de um aparelho mecânico, de nem um instrumento didático que não sejam o livro, o papel, a louza, o lapis, a pena, o giz e a tinta.

Algumas crianças não tomam parte nos trabalhos coletivos porque não trouxeram de caza o material, e a professôra diz-me que a consignação é só para os pobres, não me explicando, porém, como distingue os pobres dos ricos.

Livros, eu os acho em profuzão, desde as classes elementares: de leitura— 3 para cada criança! — de historia, de geografia, de dezenho, de ciencias fizicas e naturais, de literatura e até alguns atlas. Verificando, ao sair, que algumas meninas têm as unhas crêcidas e trazem o calçado por escovar, pergunto quantas vezes por semana se faz ali a revista de asseio. "*Nem sempre, uma!*—me é a resposta. *As crianças são todas de boas familias, são muito asseadas, muito cuidadosas!*" Sáio!

No dia imediato vou á escola proxima; são al-

guns passos apenas que medêam entre uma e outra. Nesta: 46 crianças, apenas! Naturalmente acóde-me uma pergunta: porque semelhante disparidade de frequência entre estas duas escolas, tão proximas, com edificios equivalentes, dentro do mesmo círculo escolar? O meu espirito de observação então se desperta e começa a pesquisar.

A professôra da ultima escola vem á aula em chinelos, mal penteada, vestindo uma dessas *batas* curtas, sôlta, sem botões. O seu ar é carrancudo. Tem uma adjunta que parece gostar mais de lêr do que de ensinar, pois de quando em vez embrenha os olhos nas paginas de um *Ultimo amor*, de *Ohnet*, enquanto as crianças de sua classe passam descuidosamente paginas de livros. Indago: a professôra quasi que não sái; ha anos que não vái á cidade, e o proprio ordenado é o marido quem recebe; não vizita nem é vizitada; assina só um jornal diario, o official, que tambem não lê. O que lhe interessa é o marido quem lh'o diz — ás vezes. . . Divide o tempo com a aula — especie de calabouço onde apenas aguarda a jubilação — os filhos e os arranjos cazeiros.

Assisto ás suas lições. São frias e parecem penetradas da austeridade das paredes onde até descubro uns fios verdes de limo. Reparo mais, então, e nóto que as aulas são no porão, alto, assoalhado, mas humido, sem luz. A' hora do recreio a professôra convida-me para o almoço, e eu o aceito menos por appetite do que para ver si o sacerdocio da familia ainda vem a tempo de me reconciliar com esta carcereira. Mas qual! A mesma névoa lhe cerra o sobreceenho, a mesma descuidoza indiferença se estampa no *foyer* domestico, a mesma doentia e bilioza apparencia se retrata nos filhos!

O mal é incuravel, atáxico e geral!

*
* *

Meus senhores! Eu fiz apenas um esboço superficial dos quadros, porque o tempo falece. Faltam-lhes as tintas, falta-lhes o colorido, que eu me rezervo para vos fazer passar diante dos olhos em outra ocasião.

Demais, vós bem sabeis que não seria possivel de uma só vez concluir semelhante tarefa. Dei-vos um pálido móte: glozai-o com o vosso bom senso.

Cometeria eu, porém, a mais grave das injustiças si dissera que todas as nossas cazas de ensino estão em semelhantes condições; muitas participam apenas de um ou alguns dos defeitos que ressaltam da minha descrição, defeitos por cuja extinção meia duzia de devotos se esforçam — aliás improficuamente, porque o seu trabalho é izolado e mui parecido com o de Sizião: recomeçado cada dia e sempre por fazer e por se iniciar — defeitos que se não encara unicamente pelo lado da instrução, mas tambem, e principalmente, pelo da educação, em que aquella se contem.

O fim rial da escola não é só desbravar o cérebro da criança sob o ponto de vista intelectual, mas paralelamente sob o ponto de vista moral, e o seu fisico, preparando-a para a vida completa, no dizer de Spencer.

Qual caminho, pois, deve seguir o professor para amaneirar a escola dentro desta orientação? Primeiramente — apenas para iniciar, porque tudo, tudo mais virá depois, — capacitado de que vai exercer, não uma simples profissão, mas um nobre sacerdocio, consorciar-se inteiramente com a carreira abraçada, honrando-se nella e elevando-a pelo fervôr do apostolado.

Hoje que a pedagogia é, como a terapeutica, absolutamente individual porque se bazeia pela psicologia sobre a fisiologia, o professor consciencioso é um medico que consulta, observa, estuda, anóta cada fenomeno,

insignificante que pareça, verificado em cada um de seus alunos, nelles reparando os desvios hereditarios, corrigindo os defeitos supervenientes do meio, enfiando-lhes o caráter e as faculdades com o humus fertilizante dos sãos exemplos e das boas lições. Para tanto a sua ação tem de irradiar-se, ir além dos limites muros da escola, atravessar as ruas, penetrar no seio das familias, com cuja autoridade se ha de consorciar, sobrepujando-a, até, e tanto mais facilmente quanto atrai e empolga pelas cambiantes novas que constantemente sofre pelo estudo e pôde oferecer pelo ensino.

O entrelaçamento do lar e da escola formará o élo dentro do qual surdirá o meio em que o professor poderá desenvolver a sua atividade, certo de vel-a fructificar; será esse o seu mundo, o seu microcósmo em que vai laborar a propria felicidade, plantar as rozas para tecer a corôa que lhe cinjirá a fronte no dia da vitória do que deve ser o seu grande ideal: revêr-se nas idéas que semeou e propagou, porque o successo do homem na vida é uma vitória do mestre, não do pai!

« Pour se maintenir au dessus de sa thche, diz Pinart, seul moyen d'être à la hauteur et de ne point s'en lasser, il importe que l'éducateur soit en un milieu propice. Il ne faut pas que l'on decourage ces libres entretiens avec les familles et les élèves et où le maître reçoit autant qu'il donne ».

« Il faut enfin que son temps ne soit pas absorbé tout entier par les choses de la classe, qu'il puisse avoir une vie domestique et sociale, embrasser avec sympathie les besoins complexes du monde contemporain et garder les loisirs pour sa propre culture ». Com esteito, aje-se mais sobre os outros pelo que se é do que pelo que se diz, donde o acerto pedagogico de que a primeira das lições é o exemplo. E a personalidade do mestre, mais do que o seu ensino, o que educa a mocidade, e a

força de sua influencia depende, em uma medida indefinida, mas rial, das condições de ação que lhe são impostas. Si o professor procura, entregue a si mesmo, isoladamente, cumprir a sua tarefa, sem o apoio das familias, si elle vive de alguma sorte arredio da humanidade, esmagado por funções onde nada depende da experiencia e da iniciativa, é em vão que elle falará aos dicipulos e delles procurará arrancar fruto benéfico—seja solidario ou pessoal.

As suas lições poderão ser brilhantes, mas não serão aprendidas; produzirá automatatos, mas nunca fará homens.

Aqui, meus senhores, tudo se espera e se reclama da administração e das leis; por uma tára, porém, quando isso interessa á pessoa ou á classe, é habito ladear a lei e enganar a administração, de fórma que, nunca, a lei nem a administração podem estar de acôrdo com as necessidades das instituições que rejem. Deixemos por isso de lado a administração e esqueçamos-nos da lei, si queremos fazer alguma couza, porque a iniciativa e a boa vontade valem mais do que todos os decretos e todos os governos, pois estes mesmos são filhos daquellas.

Para criar-se um meio propicio, não só ao bom desempenho da grande tarefa social de que está investido, mas á satisfação da propria subzistencia, uma das couzas que o professor deve fazer é manter relações com as familias dos seus alunos, recebendo-as pelo menos uma vez por mez e vizitando-as quando possa e alguma imposição social lembre. Por tal meio ganhará acendencia no animo dos pais e parentes e fará desaparecer certas prevenções oriundas, ás vezes, de pequenos mexericos das crianças, apercebendo-se tambem dos defeitos e das qualidades destas.

Para facilitar-se essa aproximação, na Dinamarca fundou-se a *Dansk Skoleforening* e na Inglaterra a *Parents National Educational Union*, sociedades cujo

fim é reunir os páis e os professores para que estes e aquelles se ponham mutuamente ao corrente do verdadeiro estado dos seus filhos e alunos. «Os páis e os professores, dizem os programas dessas sociedades, compreenderam que si não concentrarem os seus esforços, podem, sem querer, em uma certa medida neutralizar a obra comum ou enfraquecer-lhe o resultado».

Na Alemanha, os professores dirigem-se e sollicitam o auxilio dos páis para facilitar-se a propria tarefa, e na Suecia elles ficam uma vez por semana na escola para atender aos páis que se queiram informar sobre o adiantamento ou faltas dos filhos. No Japão, já assim se começa a fazer. Mas, é sobretudo na Finlândia que as relações entre páis e professores parecem mais cordiais.

Eis o que nos diz o illustre pedagogo Vaza, a respeito:

«Sabendo que uma criança não póde desenvolver-se de um modo harmonioso desde que a escola e a familia não se entre-ajudem, busca-se aproximal-as tanto quanto possivel. Para isso ha em cada escola um conselho escolar composto de cinco a sete membros, que vai regularmente vizital-a, e ao qual se deve dirigir quem tenha algum mal-entendido a esclarecer. Pede-se aos páis para assistir ás lições e aos exercicios dos respectivos filhos, guial-os si estiverem doentes ou forem pouco desenvolvidos, e melhor julgar do progresso que façam elles comparando-o com o de outros alunos.

Além disso, é habito convidal-os para a festa de Natal, celebrada no fim do primeiro semestre, e para as datas nacionais, sempre festejadas na escola. Graças a tais esforços, a escola e a familia estão tão intimamente unidas que a escola é considerada como o segundo lar, (*le foyer domestique*) de toda a criança filandeza».

O professor deve, ainda, manter relações com os colegas, principalmente os mais proximos, e entre nós os do mesmo distrito, ao menos. Eu lembraria mesmo

a reunião, uma ou duas vezes por mez, dos professores e inspetor de cada distrito, afim de discutirem questões de ensino, como por exemplo a uniformidade dos livros adotados, os premios e as penas disciplinares, as festas, os horarios e a criação das instituições auxiliares da escola, tais: as bolsas de estudo, as caixas escolares e economicas, as sôpas e os banhos escolares, etc. Far-se-iam tambem, reciprocamente, visitas ás aulas, afim de verificar os processos pessoais de ensino, dando-se conta em reunião das observações verificadas—um dia sobre métodos de leitura, outro dia sobre aritmojia, etc.

Como nem todos os professores ganham o bastante para sacrificar dinheiro em livros e revistas, assinar-se-ia destas e comprar-se-ia daquelles o que se pudesse para uzo do professorado respetivo. Na mais central das escolas far-se-ia a séde de cada circulo.

E' assim, meus senhores, que se procede hoje em toda parte onde se busca dar ao ensino uma orientação consoante a sã pedagogia. E' assim que entre nós se póde colaborar na melhoria do ensino e iniciar a sua refórma sem nem uma dependencia do governo, remediando e provendo de uma certa maneira as lacunas da direção. E' assim na Italia, onde se fazem grandes reuniões 3 vezes por ano; na Belgica, uma vez por trimestre; na Hollanda, 5 vezes, ao menos, por ano; na Noruêga, depois da lei de 1896, todos os mezes; na Hungria, no principio de cada trimestre; em Portugal, no fim do trimestre decorrido; na Suécia e na Alemanha, enfim.

E não menos do que as relações com os colegas locais e com as familias dos alunos, têm tambem grande importancia as que se possam entabolar com professores estrangeiros. Da mesma maneira que os sabios de todos os paizes, que os comerciantes, que os industriais se correspondem, devem fazel-o os professores. Nem se

diga que isso é um luxo que inflaria de preconceitos a classe. Justamente o que faz mal ao ensino não são as occupaões onde o espirito se retempéra, mas a uniformidade de um labôr em que não ha lazer para a troca de idéas e para a cultura intima.

Assim, o ideal seria o *Headmaster*, esse belo simbolo encarnado por Rugby no seu Thomaz Arnold: « com o ouvido atento a todosos ruidos do século, de uma prodijioza atividade de espirito, escrevendo nas revistas, editando Tucydides, publicando uma Historia romana e dirijindo sua escola, elle transbordava de vida! »

Vêde os resultados surpreendentes da instrução nos Estados Unidos, onde cada professor é um Rugby, compenetrado da sua tarefa!

Pois bem: em nem uma parte, meus senhores, a iniciativa do professorado se manifestou ainda com tanta força como ali, onde, além de mais de 500 grandes associaões auxiliares da escola, ha duas instituções, o *Bureau of Education* e a *National Education Association*, sem iguais no mundo inteiro, ambas fundadas por professores.

Tantos serviços ellas-têm prestado, não só ao ensino do paiz, mas ao de todas as nações cultas, que o *Bureau* foi reconhecido como departamento oficial por ato do congresso americano de 2 de março de 1867, e como departamento do Estado em 20 de junho de 1808, — e a *National Education* considerada de utilidade publica e com todos os fóros officiais, em 30 de junho de 1906.

*
* *

Meus senhores e minhas senhoras.

A rotina na nossa escola é, de uma parte, a estagnação, e de outra parte a incompetencia mercenaria.

Estagnação — por falta de unidade de vistas, de

orientação comum no desempenho dos *desiderata* do cargo entre os que o conquistaram levados pelo fôgo sagrado; incompetencia mercenaria— daquelles que mentiram aos proprios ideais, que mentiram á sociedade em que vivem, abraçando uma carreira a que se não devotam porque a não amam, e onde unicamente parazitam proventos repelindo encargos. A estagnação é a morte lenta: a calmaria, primeiro, e o desfibramento, depois. Por isso, enquanto amarelece a fronde da instituição, por entre cujas ramadas as flores rareiam e os frutos mal sazonom, o escalralho daninho da parazita envereda aqui e ali, enrosca-se nos galhos, insinua-se por sobre a cópa, vitorioza e soberba, pintalgando-a de um forte verde de clorofila queimada na eclosão de uma luz que lhe não pertence, de uma seiva que é roubada!

Unam-se os esforços latentes, congreguem-se as iniciativas dispersas e nem se espere por outro nem pelo alvorecer do amanhã! Parta um, primeiro, que os outros irão depois; a vida começa sempre em uma célula como a linha começa sempre num ponto!

Não ha, de vós, um só, por certo, que não conheça a lejenda glorioza do Cid.

Caminho da morte saíu elle, um dia, do solar projê-nito, sózinho e obscuro, pela porta estreita e baixa do anonimato; outro dia, tornou pela auri-fuljente arcada da Fama. Si havia morrer, que o não fosse, ao menos, inerte como um réles mortal, mas lutando por alguma cauza nobre, e utilmente. Só, que elle partira, em breve estava rodeado de extremados amigos e companheiros, comandando mais tarde um exercito com que salvou a Patria, conquistando um lugar na Historia e o seu cognome immortalizado nos versos de Guillen e de Corneille.

Temos professores habeis, dedicados, prontos ao combate; alguns, idozos, escondendo sob a neve dos

anos o entusiasmo dos iniciados; outros, porém, muitos, quasi toda essa nova e brilhante geração que de 900 para cá vem franqueando o quadro do majisterio municipal, e cada um dos quais póde ser um novo Cid— o pioneiro do ensino moderno no Brazil — ou por outra, e sem paradoxo, do ensino de todos os tempos, quando elle houve por fim edificar o homem e não deformal-o.

Entre aquelles, sem *parti-pris* algum e ao acaso porque, por poucos que sejam, muitos ainda são e a nem todos eu poderia citar, veem-se Pereira Frazão, Olimpia do Couto, Velho da Silva, Alina de Brito, Maria Santos, Eliza Galvão e Augusto Miranda; entre estes— Adelia E. Bandeira, Sára Vilares, Maria da Gloria Rocha Leão, Alzira Claraz, Virginia Inhatá, Celina Padilha.

*
* *

Meus senhores!

Vai um bocado lonje esta tarefa de hoje. Eu dezeraria imprimir-lhe um carácter mais atraente, mas de começo recuei receiozo de perder um tempo que precisavamos economizar.

Vou terminar, pois, esta conferencia, em que as idéas foram mal e rapidamente entretecidas. Estou lonje de ter expresso tudo quanto tinha a dizer-vos ácerca do momentozo assunto que ora aqui nos reúne. A' proporção que me entretenho sobre a materia, idéas novas, novas observações surjem e se aparelham no meu espirito acaçalando a ocasião de aparecerem em fóco. Não me falta, porém, o fôgo sagrado, e si me não faltar o vosso apoio, continuarei a cruzada que me propuz de levar o cautério a umas tantas chagas do nosso organismo educativo. Continuarei a campanha e realizarei novas conferencias e outras reuniões. Mas não quero, despedir-me, hoje, de vós, sem vos oferecer os dois se-

guintes quadros: o primeiro, já admiravelmente debuxado pelo conspicuo mestre maranhense, dr. Almir Nina.

Lavrava em Pariz uma devastadôra epidemia de crupe, terrivel molestia que ceifava diariamente milhares de vidas queridas. As crianças, sobre tudo, pagavam onerozo tributo á Parca implacavel.

Naquella época, diz notavel medico, a ciencia estava ainda muito lonje dos progressos que criaram com a bacteriologia o diagnostico positivo das molestias infectuosas, e com o serunterapia de Roux-Bhering a mais estrondoza conquista da terapêutica moderna.

Trousseau, porém, o genial e velho Hipocrates, a cujo saber todos se curvavam então, lá estava como que para contrabalançar os furôres da molestia e o atrazo da medicina, pronto, dedicado e disposto a arrancar ao morbus cruel os entes queridos que lhe confiavam

Dia e noite o Hotel-Dieu era invadido pela turba de mãis desvairadas que, conehegados ao peito, levavam o rebento exânime ao curativo do mestre.

Não havia logar para descanso. Mestre e dicipulos, herculeamente, noite e dia curvados sobre aquelles rastros da morte, disputavam-lhe as prêzas tentáculo por tentáculo.

Por uma invernoza manhã, em que a inclemencia da temperatura mais agravava os estragos da epidemia, entra pelo ambulatório a dentro, desvairada, semi-louca, uma Mãe que trazia nos braços o quasi cadaver de uma filhinha; chegára até seus ouvidos a fâma justissima do velho mestre, e ella, na mudez da sua grande dôr indescritivel, aponta ao velho clinico o corpo inâne da criancinha, unico aféto que lhe restava no mundo. Era um corpinho débil, já livido, coberto dos suóres viscosos e gelados do período pre-agônico, cianótico, no auje de uma asfixia final.

Não perdeu tempo o velho sabio; e com aquella proficiencia que o espirito observador lhe ensinára, e com aquella habilidade que o trabalho constante lhe déra, tocado ainda mais pela grandeza daquella dôr— pois seu coração não se endurecêra nunca ao contacto da desgraça— com mão firme introduz nas cartilagens da trachéa a lamina fina do escalpelo.

Mas . . . era tarde de mais; não se ouviu o sibilo do ar penetrando na arvore respiratoria— a criancinha estava morta!

Lésto, como que para dar-lhe as iluzões dos ultimos momentos de vida, abre o medico a porta do gabinete e aponta á mãe o cadaver da filhinha.

Na comprehensão rapida da desgraça suprêma, atira-se ella, nos desesperos da dôr, aos despójos queridos; estrinje-lhe o torax numa compressão convulsiva, afasta em seguida o corpinho como que para surpreender-lhe nos labios ainda o ultimo sorriso, de novo o comprime, de novo o afasta, e neste vai-vem dos afagos maternos faz-se o vacuo no peito da criancinha, o ar exterior precipita-se-lhe dentro, e a criança respira, e a criança vive, e a criança estava salva, e o que não pudéra o escalpelo em mãos adextradas, o que não pudéra a ciencia do maior e do mais sabio dos medicos de então, fêl-o um beijo de mãe, fêl-o o enlace estreitado dos braços maternos, num milagre, deixem-me chamar assim, de amor maternal.

Meus senhores: mais algumas palavras.

Existe ali, mesmo, em França, uma instituição vergonhoza, chamada das *remplaçantes*, que os mais deprimentes resultados e perniciosos exemplos sociais tem produzido. *Les remplaçantes* são âmas que as mãis desnaturadas tomam para velar-lhes pela próle a que, dias e noites, não veem, enquanto ellas, as verdadeiras mãis

vão saracotear pelos bailês, pelos teátros, pelas avenidas.

Meditai, meus senhores, sobre o que fez aquella admiravel mãe; meditai sobre o que fazem estas dejenradas; comparai o entranhado amôr e zêlo de uma ao descuidozo trato de outras; pensai no assombroso resultado que uma obteve quando a ciencia do magnanimo Trousseau nada pudéra, julgai o que devem tornar-se os filhos destas, guiados pelos sentimentos e conselhos mercenarios das *remplaçantes*, e dizei-me, depois, almas na mão, si o ensino não póde ser aquelle filho, e o professor aquella mãe, cujo amor, cujo devotamento, cujo instinto valem mais do que toda ciencia dos Trousseau pedagogicos!

Ou querereis ser comparados, meus illustres amigos e dedicados colegas, a estas outras mãis desnaturadas, que abandonam os filhos e o lar— neste cazo o ensino e a escola — aos cuidados da administração, *la remplaçante* da pedagogia?

Não! Não o creio!



DO MESMO AUTOR:

No Prélo:

Tratadinho de Higiene, para as familias e as escolas.

Orijem do Homem, traduzido de Ernest Haeckel.

O Ensino em São Paulo, conferencia realizada no Rio de Janeiro.

A Mulher e a Educação Nacional, conferencia realizada em São Paulo.

Credenciais, contos.

A Esfinje, comédia, traduzida de O. Feuillel.

Para os nossos filhos, aos 18 anos, traduzido do professor A. Fournier.

Publicados:

Pampanos—versos—1898.

Pajinas da Naturêza — critica evolucionista—1899.

A conferencia insérta neste folhêto é a primeira de uma série: a seguir-se:

“O Ensino em São Paulo”

